

## Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas

Gabriela Matos<sup>1</sup> e Edite Prada<sup>2</sup>

Faculdade de Letras Univ. de Lisboa/Onset-CEL<sup>1</sup>

Escola Secundária Monte da Caparica<sup>2</sup>

### 1. Introdução

O valor semântico do contraste está associado a dois processos sintácticos distintos, classicamente caracterizados como semanticamente alternativos: a coordenação adversativa e a subordinação concessiva. Porém, concessivas e adversativas ocorrem em contextos em que não encontram equivalente entre si.

A presente comunicação tem por objectivo contribuir com dados adicionais para precisar o valor destas construções. Partindo de análises prévias das adversativas e concessivas em Português (e.g., Lopes, 1972, 1983; Barros, 1988; Lima, 1996; Peres, 1999; Varela, 2000; Prada, 2001, 2003), e em outras línguas Românicas, como o Francês (e.g., Anscombe & Ducrot, 1977; Adams, 1990) e o Espanhol (e.g., Flamenco Garcia, 1999), analisaremos algumas construções que, do ponto de vista sintáctico, semântico e discursivo individualizam a coordenação adversativa.<sup>1</sup>

### 2. Propriedades avançadas na literatura

#### 2.1. O contraste como valor prototípico de adversativas e concessivas

As construções adversativas e concessivas apresentam prototipicamente valor de *contraste* (e.g., Quirk et al., 1985; Rudolph, 1996; Flamenco Garcia, 1999, e, para o Português, Lopes 1972; Peres 1997, 1999; Martelota 1998; Varela 2000; Prada 2002 2003; Costa, 2005) embora possam, cumulativamente, veicular outros valores (e.g. Lakoff 1971; Anscombe & Ducrot 1977; Adams 1990, e, para o Português, Lima 1996; Peres 1997; Varela 2000; Prada 2001, 2002). Definiremos, genericamente, *contraste* como a relação de não-compatibilidade que, explícita ou implicitamente, se estabelece entre propriedades ou situações denotadas por duas expressões linguísticas articuladas.

Considerando a conexão de frases, é usual admitir-se que adversativas e concessivas são estruturas alternativas, parafraseáveis uma pela outra (cf. (1) e (2)):

---

<sup>1</sup> Consideremos apenas os casos que envolvem conjunções adversativas e concessivas; ignorando aqueles em que figuram conectores adverbiais não conjuncionais como, os adversativos *porém*, *todavia* e *contudo*. Para argumentos a favor da exclusão destes elementos das conjunções vejam-se Bechara, 1999 e Matos, 2003.

- (1) Eles viram pela primeira vez a casa em Outubro *mas* adquiriram-na em Dezembro.
- (2) a. Eles adquiriram a casa em Dezembro, *embora / se bem que* a tenham visto pela primeira vez em Outubro.  
 b. *Embora / se bem que* a tenham visto pela primeira em Outubro, eles adquiriram a casa em Dezembro.

Ainda que reconhecendo que as orações concessivas podem seguir ou anteceder a oração subordinante, como acontece em (2), alguns autores procuraram fixar os padrões estruturais de conversão prototípica de uma adversativa numa concessiva. É o caso de e.g., Lopes 1992; Flamenco Garcia 1999 ou Varela 2000. Assim, Lopes 1972 sugere que, do ponto de vista semântico, há geralmente uma correlação entre *a oração adversativa* e *a subordinante*, por um lado, e *a coordenante* e *a subordinada concessiva*, por outro. Exemplos como (3) e (4) parecem confirmar esta regularidade, dado que nestas frases *a correspondência directa entre a coordenada adversativa e a subordinada concessiva* conduziria a resultados pragmaticamente anómalos, como ilustrado em (5).

- (3) Essa criança tem frio *mas não veste o casaco*.
- (4) a. *Embora essa criança tenha frio*, não veste o casaco.  
 b. Essa criança não veste o casaco, *embora tenha frio*.
- (5) a. #*Essa criança tem frio, embora não vista o casaco*  
 b. #*Embora não vista o casaco*, essa criança tem frio.

Lopes correlaciona a ordem sintáctica preferencial de concessivas e adversativas com propriedades semânticas: *a oração adversativa* como *a subordinante da concessiva* exprime [usualmente] um acontecimento inesperado, excepcional ou inconsequente.

## 2.2. Diferenças de comportamento entre adversativas e concessivas

Tem, no entanto, sido notado que não há estrita correspondência entre as frases adversativas e concessivas tanto a nível sintáctico, como semântico e discursivo.

### 2.2.1. Diferenças a nível sintáctico

A nível sintáctico, a propriedade diferenciadora geralmente destacada é a mobilidade (e.g., Quirk et al. 1985; Peres 1997; Varela 2000; Lobo 2002, 2003; Prada 2003): diferentemente das frase coordenadas adversativas, as subordinadas concessivas, parecem mover-se facilmente na frase (cf. (1) vs. (6) e (2a) vs. (2b), repetido em (7)):

- (6) \**Mas adquiriram a casa em Dezembro*, eles viram-na pela primeira vez em Outubro.

- (7) *Embora / se bem que* a tenham visto pela primeira em Outubro, eles adquiriram a casa em Dezembro.

Varela 2000 sugere uma propriedade distintiva adicional. Retomando Matos 1992, mostra que as subordinadas concessivas estão excluídas da construção elíptica de *Despojamento* (cf. (8) vs. (9)):

- (8) ?\*Ele escreveu um livro *embora* ela não \_\_.  
 (9) Ele escreveu um livro mas ela não \_\_.

### 2.2.2. Diferenças a nível semântico

#### (i) O contraste como impedimento ou não à efectivação da situação

Tem sido salientado que as *adversativas* diferem das concessivas pelo facto de as situações ou propriedades denotadas pelas expressões contrastadas assumirem igual importância, enquanto que nas *concessivas*, a subordinada adverbial expressa um potencial obstáculo que não impede a concretização da situação denotada pela oração principal (Cunha e Cintra, 1984: 582; Bechara 1999: 496-497; Lima, 1996:651; Flamenco Garcia, 1999; Varela, 2000) – vejam-se (10) e (11).

- (10) a. Essa criança tem frio *mas não veste o casaco*.  
 b. *Essa criança não veste o casaco*, mas tem frio  
 (11) a. *Embora essa criança tenha frio*, não veste o casaco.  
 b. #*Embora não vista o casaco*, essa criança tem frio.

Assim, em (10a), como em (10b), afirma-se que há duas situações incompatíveis: *a criança não vestir o casaco* e *a criança ter frio*. Pelo contrário, em (11a) diz-se que *independentemente de a criança ter frio, a criança não veste o casaco* (o que é plausível) e em (11b), que *independentemente de criança não vestir o casaco, a criança tem frio*, o que é pragmaticamente anómalo.

#### (ii) O impedimento da causa vs. do efeito

Flamenco Garcia 1999 e Varela 2000, entre outros, consideram que tipicamente, as *concessivas* expressam a *contraditória de uma causa* e as *adversativas* a *contraditória de uma consequência*, como ilustram (12) e (13).

- (12) a. Está sol mas faz frio.  
 b. Está frio mas faz sol.  
 (13) a. Embora faça sol, está frio.  
 b. Embora esteja frio, faz sol.

Em (12a), contrariamente à expectativa, *estar sol* é uma causa que não impede o resultado de *fazer frio*, veiculado pela adversativa; em (12b), *fazer frio* é contrastado com a negação do resultado esperado (*ausência de sol*), pela explicitação da coordenada adversativa *mas faz sol*. Por seu turno, em (13a), *fazer sol* não é uma causa que determine o resultado de *estar frio*; o inverso é afirmado em (13b): *estar frio* não é uma causa que impeça *fazer sol*.

(iii) *Não-coincidência entre os subtipos semânticos de adversativas e concessivas*

Nem todos os tipos de concessivas encontram paráfrases adversativas. Em particular, tem sido salientado que as adversativas denotam tipicamente situações factuais, enquanto as concessivas podem denotar situações factuais, hipotéticas ou contra-factuais (e.g., Peres 1997; Lobo 2003; Brito 2003), pelo que só as concessivas factuais encontram paráfrases adversativas (Flamenco Garcia 1999, Varela 2000).

- (14) a. Embora esteja a chover, o João vai ao jogo  
 b. Está a chover mas o João vai ao jogo. (Varela 2000:166)
- (15) a. Mesmo que esteja a chover, o João vai ao jogo  
 b. ≠ Está a chover, mas o João vai ao jogo.  
 c. = Pode estar a chover mas o João vai ao jogo (Varela 2000: 167)

### 2.2.3. Diferenças a nível discursivo

Na esteira de Cuenca 1991, Flamenco Garcia (1999: 3813) destaca que as concessivas e as adversativas correspondem a duas estratégias discursivas distintas de apresentar a informação contrastiva: as concessivas apresentam a informação como pressuposta, ou dada, e as adversativas como nova.

- (16) *Embora ele estivesse doente*, foi trabalhar.  
 (17) Ele esteve doente *mas foi trabalhar*

Flamenco Garcia faz notar que quando as concessivas ocorrem em final de frase, a posição característica dos constituintes que apresentam informação nova, a diferença entre adversativas e concessivas se esbate. Estas observações vão ao encontro da posição de Rudolph 1996, que assume que quando a concessiva ocupa a posição final é ela que detém o conteúdo proposicional inesperado.

*Em suma*, na literatura têm sido avançadas propriedades que embora aproximando as construções adversativas das concessivas pelo seu valor básico de contraste, as distinguem sintáctica, semântica e discursivamente. Sem questionar a pertinência destas análises, pretendemos contribuir, na próxima secção, com dados adicionais que permitam diferenciar mais claramente estas construções.

### 3. Contributo para a distinção entre adversativas e concessivas

Muitas das abordagens consideradas evidenciam a não correspondência entre concessivas e adversativas, tendo implicitamente como padrão de referência as concessivas. Nas subsecções seguintes procederemos de modo diverso, centrando a análise em contextos em que ocorrem construções adversativas e de que a concessiva é excluída devido às propriedades sintácticas, semântico-pragmáticas e discursivas que apresenta.

#### 3.1. Estruturas sintácticas adversativas sem correlato nas concessivas

##### 3.1.1. A mobilidade como uma propriedade distintiva problemática

Frases como (18) e (19) sugerem que uma das propriedades distintivas das adversativas face às concessivas é a sua falta de mobilidade:

- (18) a. Está sol mas faz frio.  
 b. \*Mas faz frio, está sol.  
 (19) a. Embora esteja sol, faz frio.  
 b. Faz frio, embora esteja sol.

Porém, alguns dados indicam que essa mobilidade é apenas aparente, uma vez que não parece haver nenhuma posição básica subjacente associada às concessivas, a partir da qual estas sejam movidas. Assim, o padrão de ordem preferencial na conversão de adversativas em concessivas (cf. (21)), não exclui a possibilidade da sua conversão directa, como em (22):

- (20) O João é pobre *mas é feliz*.  
 (21) Embora seja pobre, o João é feliz. (Varela 2000: 357)  
 (22) O João é pobre *embora seja feliz*.

Além disso, há frases que não exibem equivalência semântica exacta quando a concessiva ocorre anteposta ou posposta à frase subordinante, como ilustrado em (23):

- (23) a. Eles viram a casa pela primeira vez em Outubro *embora a tenham* adquirido em Dezembro.  
 b. *Embora a tenham* adquirido em Dezembro, eles viram a casa pela primeira vez em Outubro.

Em (23a), como na adversativa em (24), a interpretação preferencial é que Dezembro é um mês do mesmo ano em que se situa Outubro, e portanto *a aquisição da casa é posterior à primeira vez em que eles viram a casa*.

- (24) Eles viram a casa pela primeira vez em Outubro *mas adquiriram-na* em Dezembro.

Pelo contrário, (23b) é ambíguo: além da leitura anterior, idêntica a (23a), outra é possível, talvez preferencial: a de que *eles adquiriram a casa sem a ver, num mês de Dezembro* do ano anterior ao do *Outubro em que a viram pela primeira vez*. Ou seja, a colocação sintáctica das concessivas em posição inicial ou final da frase tem repercussões na semântica da frase complexa: de um ponto de vista das sequências temporais, a sequência inicial denota preferencialmente uma situação anterior à da subordinante, e a concessiva final, uma situação temporalmente posterior à denotada pela oração subordinante.<sup>2</sup> Ora este tipo de comportamento foi considerado um argumento para rejeitar a existência de comutação entre o conteúdo oracional das frases coordenadas, adversativas ou outras:

- (25) a. Fui ao cinema mas adormeci durante a projecção do filme.  
 b. #Adormeci durante a projecção do filme, mas fui ao cinema.

### 3.1.2. A articulação de constituintes não-frásicos

De um *ponto de vista sintáctico*, um dos aspectos que distingue as *conjunções* adversativas das concessivas é o facto de as primeiras poderem articular constituintes não-frásicos, enquanto as segundas introduzem apenas frases.

#### (i) Articulação de constituintes textuais

As conjunções coordenativas, entre as quais a adversativa *mas*, coordenam constituintes textuais superiores à frase complexa (Grevisse-Goosse 1993:369, 370; Matos: 2003: 576). As concessivas não podem, contudo, ocorrer nestes contextos:

- (26) Trabalhámos durante todo o fim de semana e pouco conseguimos resolver.  
 a. Bom, *mas* deixemos os aborrecimentos de lado!  
 b. \*Bom, *embora / ainda que* deixemos os aborrecimentos de lado!

#### (ii) Construções contrastivas sintagmáticas

As conjunções coordenativas, diferentemente das concessivas, podem articular unidades inferiores à frase. Assim, construções contrastivas em que o segundo termo é um sintagma, recrutam conjunções adversativas e excluem as concessivas. É o que acontece em *Contraste Sintagmático*, caracterizado em Matos 1992, e na construção que designaremos como *Sintagmática Exclusiva Negativa*.

Em *Contraste Sintagmático*, ilustrado em (27), os constituintes contrastados são sintagmas e não frases,<sup>3</sup> facto atestável tanto pela inexistência de um correlato frásico

<sup>2</sup> Para fenómenos sintácticos que corroboram a diferença de comportamento entre frases adverbiais antepostas e pospostas, veja-se Lobo 2003.

<sup>3</sup> A designação genérica de *Contraste Sintagmático* para esta construção advém do facto de nela não figurarem apenas conjunções adversativas. Pode aí surgir igualmente a conjunção copulativa aditiva, *e*, seguida de um advérbio de polaridade, (i)-(ii), ou de um advérbio de valor inclusivo, como *também* em (ii).

para cada um dos termos coordenados (cf. (28)), como pela impossibilidade de incluir o constituinte contrastado numa frase subordinada (cf. (29)):

- (27) a. *Não a criança mas sim os pais* são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares.  
 b. Não o desinteresse dos trabalhadores *mas só a má gestão* fez baixar a produtividade.
- (28) \*Não a criança é responsável pelos seus maus hábitos alimentares *mas sim* os pais são responsáveis pelos seus hábitos alimentares.
- (29) ??/\*Não o desinteresse dos trabalhadores *mas* admitimos que *sim/só* a má gestão fez baixar a produtividade.

A natureza sintagmática dos constituintes contrastados é um dos factores que determina a não ocorrência de conjunções concessivas nesta construção (cf. (30)).

- (30) \*Não a criança, *embora / ainda que* *sim* os pais são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares.

Do mesmo modo, a construção *Sintagmática Exclusiva Negativa*, que mobiliza a conjunção adversativa *senão* (cf. (31))<sup>4</sup>, coordena caracteristicamente sintagmas e não frases, como provam os exemplos em (32), em que a estrutura coordenada nominal é deslocada na sua globalidade para a posição de sujeito frásico (cf. (32b)).

- (31) a. A primeira moeda grande que achara não era (*nem*) *ouro, nem prata, senão ferro*. (Machado de Assis, *apud Novo Dicionário Aurélio*: 1568)  
 b. *Ninguém senão tu* era capaz de me fazer rir.
- (32) a. (?)Os mineiros não encontraram [*nem ouro nem prata senão ferro*].  
 b. (?) [*Nem ouro nem prata senão ferro*] foi encontrado pelos mineiros.

A conjunção adversativa *senão*, parcialmente correlata da espanhola *sino* – analisada, entre outros, por Anscombe & Ducrot 1977 e Flamenco Garcia 1999 – apresenta no Português actual um âmbito muito restrito, pois a sua utilização para conectar expressões não intrinsecamente negativas caiu em desuso (veja-se o ‘tom’ antiquado dos exemplos (31) e (32)) e tende a ser substituída por *mas*, diferentemente do que aconteceu em espanhol (cf. (33))<sup>5</sup>:

(i). Não a criança *e sim* os pais são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares.

(ii) A criança *e não / também* os pais são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares.

<sup>4</sup> A referência a *senão* como uma conjunção, aparece em algumas obras (e.g. Bechara 1999, Matos 2003); alguns gramáticos classificam *senão* como advérbio, outros, como Cunha & Cintra 1984, rejeitam a sua inclusão nos advérbios e integram-no numa classe à parte, designada como *palavras denotativas*.

Num contexto diferente, as construções de excepção do Inglês com *but* e *except* foram incluídas em Reinhart 1991 na construção de ‘Bare argument ellipsis’, analisada por esta autora como um caso de estruturas sintagmáticas em Sintaxe, interpretadas proposicionalmente em Forma Lógica.

<sup>5</sup> Anscombe & Ducrot 1977 admitem a existência de duas estruturas adversativas recobertas em Francês pela

- (33) a. Se quedó en casa no porque estivera enfermo *sino* porque tenía que trabajar (Flamenco Garcia 1999: 3860)  
 b. No estudei Psicologia, *sino* Filología (Flamenco Garcia 1999: 3857)  
 c. Maria non comerá com nosotros, *sinó* Teresa (Flamenco Garcia 1999: 3860)

*Senão* adversativo limita-se, no Português actual, aos contextos (também presentes no Espanhol) em que o primeiro termo coordenado é tipicamente uma expressão indefinida negativa, explícita como em (31b) e (34a), ou implícita, como em (34b).<sup>6</sup>

- (34) a. Ela não fazia *nada senão* ler.  
 b. Ela não fazia *senão* \_\_\_ ler.

A adversativa *senão*, tal como a concessiva *nem que*, é um item de polaridade intrinsecamente negativa que só pode ocorrer se o primeiro termo for negativo (veja-se o contraste entre (31b) e (35)). Porém, apenas a adversativa é possível na construção *Sintagmática Negativa Exclusiva* (cf. (36)), entre outros motivos, pelo facto de *nem que* não conectar unidades sintácticas menores que a frase, e.g., sintagmas.

- (35) a. \*Alguém *senão* tu era capaz de me fazer rir.  
 b. \*Ela lia esse livro *nem que* lho oferecessem. (Cf. Ela não lia esse livro *nem que* lho oferecessem.)  
 (36) a. Ninguém *senão* tu era capaz de me fazer rir.  
 b. \*Ninguém *nem que* tu era capaz de me fazer rir.

(iii) *Articulação de constituintes frásicos exibindo elipses sensíveis a domínio-ilha*

A existência de elipses frásicas sensíveis a domínios-ilha constitui uma propriedade distintiva adicional entre estruturas *adversativas* e *concessivas*. É o caso de Despojamento (cf. Matos 1992), como referido em 2.2.1.

- (37) a. As crianças não são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares, *mas os pais, sim*.  
 b. As crianças não são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares, *mas julgo que os pais, sim*.

---

conjunção, 'mais' que correspondem a duas conjunções distintas em línguas como o Espanhol (*pero* e *sino*), e o Alemão (*aber* e *sondern*). A distinção entre estas conjunções é feita pelos autores com base em critérios semântico-pragmáticos: segundo os autores, a primeira instância de *mais*, como *pero* e *aber*, ocorre em contextos argumentativos, estabelecendo entre os termos coordenados um valor contrastivo, como em (i); pelo contrário, a segunda instância de *mais*, como *sino* e *sondern*, não é argumentativa, antes correctiva ou refutativa, e requer negação no termo coordenante (cf. (ii)):

(i) Il est intelligent *mais* il ne travaille pas (cf. Anscobre & Ducrot 1977: 28)

(ii) Ce n'est pas conscient *mais* totalement automatique (Prada 2002: 379, cf. Anscobre & Ducrot 1977: 24).

<sup>6</sup> Vejam-se exemplos equivalentes do espanhol (Flamenco Garcia 1999: 3860)

(i) Nadie *sino* tu hermano fue el responsable del accidente

(ii) No puedo comer \_\_\_ *sino* verduras.



- (38) ?? As crianças não são responsáveis pelos seus maus hábitos alimentares, *embora / ainda que* os pais, sim.

Em alguns exemplos, a distinção entre Despojamento e Contraste Sintagmático parece limitar-se à posição dos elementos adverbiais: seguindo o constituinte realizado, em Despojamento (cf. (37a)); precedendo-o, em Contraste Sintagmático (cf. (27a)). Porém, Despojamento difere de Contraste Sintagmático, por poder ocorrer em frases subordinadas (cf. (29) vs. (37b)). No entanto, apesar de surgir em domínios de subordinação, Despojamento não figura em frases concessivas, dado que está excluído de domínios-ilha, nomeadamente do da *Ilha da Frase Adjunto* (cf. (38))

Em suma, de um ponto de vista sintáctico, há um número considerável de factores que inibem a ocorrência das orações concessivas e, conseqüentemente, favorecem a opção pelas estruturas adversativas, como modo de expressar o contraste.

### 3.2. Valores semântico-pragmáticos das adversativas ausentes das concessivas

#### 3.2.1. O valor dos conectores disponíveis

A diferença de comportamento das adversativas e das concessivas na construção *Sintagmática Negativa Exclusiva* mostra que *aspectos semânticos* estão envolvidos na distinção entre conjunções adversativas e concessivas. Assim, *senão* veicula um valor de restrição exclusiva inexistente na conjunção concessiva *nem que*, a qual apresenta um valor hipotético ausente de *senão*. (cf. secção 2.2.2. (iii)). Não desenvolveremos este tópico, que exigiria uma análise exaustiva dos conectores destas duas construções.

#### 3.2.2. O(s) valor(es) de contraste mobilizados por adversativas e concessivas

Nas *construções adversativas*, o contraste pode decorrer ou do valor semântico dos termos relacionados ou da forma como a relação de contraste é estabelecida, que leva o alocutário a formular pressupostos que são gorados. No primeiro caso, alguns autores falam de *contraste semântico* (cf. (39)), no segundo de *contraste argumentativo*<sup>7</sup> (cf. (40)). Porém, nas *concessivas* o contraste envolve sempre uma pressuposição avaliativa do locutor, pelo que o *contraste argumentativo* é o único disponível (cf. (41)-(42)).

- (39) a. O João é baixo *mas* a Maria é alta.  
(baixo // alta)  
b. Ele comprou um carro *mas* ela comprou uma moto.  
(comprar carro // comprar moto)

<sup>7</sup> Assim, Lakoff 1971 distingue um 'but' *argumentativo* de um 'but' de *oposição semântica*. Por sua vez, Sweetser 1990 atribui à conjunção adversativa dois tipos de valores: um de *conflito conversacional*, argumentativo, outro de *conflito cognitivo*, fruto do conhecimento e crenças dos interlocutores da mensagem.

- (40) O João viu o livro na montra, *mas* não o comprou.  
(ver o livro => comprar o livro // o João *não comprou o livro*)
- (41) a. O João é baixo *embora* a Maria seja alta.  
(a Maria ser alta => o João ser alto // o João é baixo)  
b. *Embora* o João seja baixo, a Maria é alta.  
(o João ser baixo => a Maria não ser alta // a Maria é alta)
- (42) *Embora* o João tenha visto o livro na montra, não o comprou.  
(ver o livro => comprar o livro // o João *não comprou o livro*)

Neste sentido, as construções contrastivas concessivas têm um âmbito mais limitado do que as adversativas.

### 3.2.3. Valores cumulativos das construções adversativas e concessivas

Cumulativamente com o *contraste*, outros valores podem surgir nas adversativas. Distinguem-se, usualmente, a *restrição*, a *exclusão*, a *adição* e o *reforço* (cf. Anscombe et Ducrot 1977, Adams 1990, Flamenco Garcia 1999, entre outros).

Na *restrição* (ou contraposição) o termo adversativo não exclui, antes restringe o alcance da propriedade denotada pelo primeiro termo coordenado (cf. (43b)). Na *exclusão* (rectificação ou refutação) o termo contraposto na adversativa é apresentado como rectificativo do primeiro (que deve ser excluído). Na *adição*, as propriedades contrastadas são cumulativas (cf. (43c)). No *reforço* a propriedade apresentada pela adversativa é sentida como um reforço da propriedade da coordenante (cf. (43d)).

- (43) a. O Pedro é tímido *mas* muito popular entre os amigos. (restrição)  
b. Ele não é inteligente, *mas* é astuto. (exclusão)  
c. A criança está doente, *mas / e* está muito doente. (adição)  
d. Essa criança corre, *mas* corre. (reforço)

A construção concessiva permite igualmente veicular valores de *restrição* e *exclusão* (cf. (44)). Contudo, os de *adição* e *reforço* parecem estar ausentes destas construções, como mostra a agramaticalidade dos exemplos em (45).

- (44) a. *Embora* o Pedro seja tímido é muito popular entre os amigos. (restrição)  
b. Ele não é inteligente *embora* seja astuto. (exclusão)
- (45) a. \**Embora* a criança esteja doente, está muito doente. (adição)  
b'. \*A criança está doente, *embora* esteja muito doente. (adição)  
c. \**Embora* a criança corra, corre. (reforço)  
d. \*Essa criança corre, *embora* corra. (reforço)

Atribuímos esta diferença de comportamento das concessivas face às adversativas às diferentes *propriedades discursivas* das conjunções que as encabeçam. Como vimos, as *conjunções concessivas* introduzem informação pressuposta, apresentada como

partilhada por locutor e interlocutor, enquanto as *adversativas* apresentam informação nova (Cuenca 1991; Flamenco Garcia 1999).

As conjunções adversativas integram, pois, um potencial de focalização que as distingue das concessivas, o que é particularmente evidente em exemplos como (43d) vs. (45c,d). Na verdade, ainda que os termos coordenados em (43d) apresentem o mesmo material lexical, o segundo termo, estando sob o escopo da conjunção adversativa, adquire um novo conteúdo: o de intensificação da propriedade explicitada, que passa a ser contrastável com o primeiro termo coordenado.

Pelo contrário, admitimos que as concessivas, mesmo em posição final não são interpretadas como um foco informacional. Esta análise, vai assim ao encontro das propostas de Lobo 2003, que caracteriza as orações concessivas como periféricas ao domínio frásico, quer ocorram em posição inicial ou final.

É o valor de focalização da conjunção adversativa *mas* que favorece a sua utilização em construções de focalização como *Contraste Sintagmático* (cf. (46)) e que, inclusive, permite prescindir da realização do adverbial focalizador, quando este é a partícula de polaridade positiva *sim*, como acontece em (47).

(46) a. Convidámos o João mas não a Maria.

b. Ele não leu a revista mas apenas o jornal.

(47) Ele telefonou não uma mas (sim) várias vezes.

#### 4. Conclusões

As construções analisadas evidenciam a existência de propriedades sintáticas, semânticas e discursivas distintivas das adversativas face às concessivas. Uma vez que a adversativa pode ocorrer em domínios sintáticos supra e infra frásicos, e apresenta uma maior diversidade de valores semânticos e discursivos, parece-nos natural que a sua utilização seja mais vasta do que a das concessivas, um facto para que estudos que analisam a produção linguística apontam (e.g., Prada 2003, Costa 2005).

#### Referências Bibliográficas

- ADAMS, Jean-Michel. (1990) *Elements de Linguistique textuelle. Théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège: Mardaga.
- ANSCROMBRE, Jean-Claude & Ducrot, Oswald (1977) Deux 'mais' en français? In *Lingua* 43, 23-40
- BARROS, Clara (1998) A Organização e o Funcionamento dos Discursos. In Fonseca, J. (org.) *Estudos sobre o Português*, tomo I. Porto: Porto Editora.
- BECHARA, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. (37ª ed. revista e aumentada)
- BRITO, Ana (2003) Subordinação Adverbial. In Mateus *et al.* 2003.

- COSTA, Ana Luísa (2005) Aspectos sintáctico-semânticos de construções contrastivas. *Actas do XX Encontro Nacional da APL*, Lisboa: APL-Colibri.
- CUENCA Ordinayana, Maria Josep (1991) *Las oracions adversatives*. Valencia, Institut Universitari de Filologia Valenciana. Publicacions de l'Abadía de Monserrat.
- CUNHA, Celso & Luís F. Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- GREVISSE, Maurice & Goosse, André (1993) *Le bon usage* (13eme edition). Paris – Louvain-la-Neuve: Duculot.
- FLAMENCO Garcia, Luis (1999) Las construcciones concessivas y adversativas. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (dir) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- LAKOFF, Robin (1971) If's, And's and But's about Conjunction. In Fillmore, J. e D. Langedoen (eds.) *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt.
- LIMA, José (1996) O papel da Semântica e da Pragmática no estudo dos conectores. Faria, Isabel, Emília Pedro, Inês Duarte & Carlos Gouveia (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- LOBO, Maria (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- LOPES, Óscar. (1972) *Gramática simbólica do português (um esboço)*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- MARTELOTA, Mário (1998) Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- MATEUS, Maria Helena, Ana Brito, Inês Duarte, Isabel Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Alina Villalva & Marina Vigário. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 5ª edição, revista e aumentada.
- MATOS, Gabriela (1992) *Construções de Elipse do Predicado – SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MATOS, Gabriela (2003) Estruturas de coordenação. In Mateus et al. (2003).
- PERES, João (1997) Sobre conexões proposicionais em português. In Brito, Ana, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima e Rosa Martelo (orgs.) *Sentido que a vida faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- PRADA, Edite (2001) *Produção de Construções Adversativas no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- PRADA, Edite (2002), Coordenação adversativa: regularidades e singularidades. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- PRADA, Edite (2003) Produção de contraste no Português Europeu. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- QUIRK, Randolph, Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech & Jan Svartvik (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: New York: Longman.

- REINHART, Tania (1991) Non-Quantificational LF. In Kasher, A. (ed.) *The Chomskyan Turn*. Oxford: Blackwell.
- RUDOLPH, E. (1996) *Contrast: Adversative and Concessive Relations and Their Expressions in English, German, Spanish, Portuguese on Sentence and Text Level*. Walter de Gruyter, Berlin/New York.
- SWEETSER, Eve (1990) Conjunction, coordination and subordination, *From etymology to pragmatics – metaphorical and cultural aspects of the semantic structure*. New York, Cambridge University Press.
- VARELA, Lina (2000) *Para uma Semântica das Construções Concessivas e Adversativas do Português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.